



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**VIRGÍNIA DIANO TELJEIRO**

**(depoimento)**

**2013**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-376

**Entrevistado:** Virgínia Diano Teijeiro

**Nascimento:** 11/05/2013

**Local da entrevista:** Novo Hamburgo/RS

**Entrevistador/a:** Juliana Lorenzoni

**Data da entrevista:** 10/11/2013

**Transcrição:** Leila Carneiro Mattos

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** Juliana Lorenzoni

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 20 minutos e 37 segundos

**Páginas Digitadas:** 06 páginas

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Histórico familiar; Iniciação na música e dança; Primeira professora de dança do ventre; Contato com Samira Samia e Christina Schafer; Dança e música na família; Dança na juventude; Primeira turma de dança do ventre; Grupo Ayana; Pesquisas de música e danças; Aulas e apresentações; Viagem para festa de Santa Sara; Impressões sobre a festa; Trabalho terapêutico com a dança; Dança cigana no Brasil.

Novo Hamburgo, 10 de novembro de 2013. Entrevista com Virginia Diano Teijeiro a cargo da Pesquisadora Juliana Lorenzoni para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.L. – Então, Virginia eu gostaria de saber um pouco sobre ti, se tu pudesse me falar da tua história pessoal, como é que tu veio parar no Brasil sendo uruguaia e depois se tu pudesse falar um pouco da dança, como é que ela entrou na tua vida?

V.D. – Bom! Eu nasci em Montevideú, dia 11 de maio de 1970, vim para o Brasil em 1988, estou radicada em Florianópolis desde aquela época, eu tenho um filho nascido na ilha<sup>1</sup> e tudo mais. E eu venho de uma família de artistas onde eu sempre tive muito contato desde pequena com música, com o folclore afro-uruguaio que é o Candombe e com a dança e folclores. Meu avô, o pai da minha mãe, era *cantaor*<sup>2</sup> de flamenco, não tive oportunidade de ver o vô cantar, porque ele faleceu quando eu tinha cinco anos, mas o flamenco sempre foi um estilo musical que escutei em casa. Escutei desde criança muito flamenco, muito tango, típicas como o bolero, a salsa e tudo mais muita música. Teve uma época quando eu tinha mais ou menos nove até meus quatorzes anos que os meus pais se mudaram para o bairro Palermo, onde é o bairro de Candombe no Uruguai e teve uns anos onde teve um estúdio pirata, poderia falar assim, no porão da minha casa. Meu tio, Daniel Diano, veio dos Estados Unidos, ele era baterista e lá juntava todos os músicos, Osvaldo y Hugo Fattoruso, Rubem Rada, Jaime Roos, músicos que hoje em dia são muito conhecidos. Quando venho para o Brasil, fiquei grávida, eu comecei a fazer yoga, depois estudei um tempo percussão e foi o meu professor de percussão, Nicolas Malhomme, que um dia falou para mim “olha tu marcas o contratempo, isso é coisa de bailarina, tu tens que ir para a dança”. No momento não tinha como, pois estava com filho pequeno. Em 2000, literalmente em 2000 quando já estou com trinta anos eu tenho contato Mara Larenz na dança do ventre e sou iniciada. Comecei a fazer dança do ventre e a própria Mara sempre falava que meu estilo era um estilo cigano, que algumas pessoas chamam de zambra<sup>3</sup>. Começou aflorar um estilo diferente do que tinha que realmente era uma dança cigana, eu

---

<sup>1</sup> Referência à cidade de Florianópolis.

<sup>2</sup> Cantor.

<sup>3</sup> Estilo de dança cigana, também chamado de dança Mourisca.

sempre adorei *Gipsy Kings*<sup>4</sup> desde que começou a rumba. Começou a aflorar um estilo que muitas vezes eu me sentia meio que “sapo de outro poço”, meio perdida, porque às vezes as minhas amigas falavam “não, mas o teu estilo não é tão árabe” e meio que eu sofri um pouco. Teve um pouquinho de preconceito no começo por ter um estilo diferente, então através de uma amiga Alike, Kátia, eu estava indo para São Paulo, e a Alike falou: “Olha, vai atrás da Samira e da Christina Schafer”. A Samira é a Samira Samia que hoje em dia é a fundadora do Mercado Persa<sup>5</sup>, a mãe da Shalimar Mattar, uma pessoa que é assim, é um ícone, é uma pessoa que é uma referência dentro da dança cigana no Brasil e a Christina Schafer uma grande pesquisadora, na época ela tinha uma escola com a Fátima Fontes, e com a Christina fiz o meu primeiro curso de dança cigana com ela, e eu aprendi... Ela me passou leque, echarpe, punhal e pandeiro<sup>6</sup>. Depois eu desenvolvi um trabalho parecido com isso que eu tinha aprendido com os quatro elementos. E a Samira, não vou esquecer nunca, porque nos estávamos num grande engarrafamento em São Paulo e eu pedi uma oração muito forte eu pedi para Santa Sara Kali<sup>7</sup> quem abrisse o engarrafamento para eu poder chegar na hora na aula da Samira e dito e feito, quatro horas em ponto eu estava na aula na casa dela. Daí a Samira olhou pra mim e falou “*dança*” [ênfase]. Eu comecei a dançar livremente, soltando o que eu estava sentindo e depois que eu terminei de dançar ela olhou para mim e falou “O que tu dança é mesmo dança cigana e tu parece uma aluna minha de já de dois anos”, então eu acredito que de alguma forma, alguma lembrança é... Como é mesmo a palavra?

J.L. – Atávico!

V.D. – Atávico! Por uma questão atávica por falar assim, alguma lembrança no meu corpo, da minha genética, dos meus antepassados, aflorou. Sempre... Minha mãe Norma Teijeiro Diano e minha avó sempre quiseram que eu dançasse flamenco. Só que eu não consigo dançar de sapatos até no inverno eu termino tirando os sapatos para dançar, então a minha mãe me ensinou o que eu sei de mãos, ela me ensinou também as brincadeiras com a saia, a minha mãe sempre foi uma admiradora muito grande da Lola Flores uma grande

---

<sup>4</sup> Banda francesa de música cigana.

<sup>5</sup> Congresso Internacional de dança, arte e cultura árabe .

<sup>6</sup> Assessorios utilizados na dança cigana.

<sup>7</sup> Padroeira dos ciganos.

*cantaora e bailaora*<sup>8</sup> do flamenco e começou a brincadeira com o meu pai, Homero Carlos Diano, foi quem desde muito pequena educou o meu ouvido, porque eu sempre fui muito inquieta, mexia nas coisas, então o velho falava “fica quieta! Fica escutando a música, onde está escutando aquele bum, bum, bum este é o grave o baixo, olha o violão, oh! Tem uma flautinha”, aí eu comecei desde muito pequena a escutar música, sempre escutei mais o grave que o agudo. Foi na minha juventude, eu fiz aquelas histórias de expressões corporais, dança moderna, aquelas coisas e depois em 2000 foi que começou esta história com a dança do ventre e começou a aparecer a dança cigana. Na época 2001 ou 2002 teve uma companheira Ângela Prata que foi para Portugal ela tinha uma turma, então, tinha outras meninas para dar aulas, mas ela cismou que tinha que ser eu, por uma questão mais alternativa, filosófica aquelas coisas e foi aí que eu comecei a dar aula perto da Universidade de Florianópolis<sup>9</sup>. Eu comecei a dar aula e apareceram algumas pessoas muito queridas que caminham junto comigo hoje como a Sayonara Linhares, e começou essa brincadeira, depois mais ou menos 2003, 2004 eu fiz parte do grupo Ayana e juntas organizamos alguns festivais em Florianópolis. Eu comecei cada vez mais a ir atrás de músicas diferentes, nessa época já começou a ter o que eu chamo de “bendito” *youtube*<sup>10</sup>, então a gente já podia pesquisar algumas coisas pela internet e sempre foi mais uma procura um mergulho interno. E depois tem uma época que eu fui brincando com outros passos, com outros movimentos que eu não sabia de onde estava vindo. Um dia minha mãe vê um vídeo meu e fala “até que eu gosto quando tu faz uma coisa mais espanhola”. Falei: “de onde eu tiro esses passos?”. A minha mãe procurou na época no *youtube* a Jota e a Muinheira, que são dois folclores típicos espanhóis e ela me mostrou os passos e tem muito a ver um exemplo com música celta porque eles vêm lá de cima da Espanha, da Galícia. E a Galícia tem descendência celta. E a minha vó dançava estes folclores, então são coisas que a gente lembra que nós temos dentro do nosso corpo que está na nossa herança genética, e foi indo, a brincadeira foi aprofundando, continuei cada vez que vou para São Paulo fazendo aulas com a Samira, continuei estudando a música, a referência foram mais músicos, eu tenho um amigo que é uma referência em São Paulo é o Marcus Santurys<sup>11</sup> que ele toca Cítara<sup>12</sup>, então muitas vezes quando entrava uma dúvida, alguma coisa eu

---

<sup>8</sup> Cantora e bailarina.

<sup>9</sup> Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>10</sup> Site para publicação de vídeos.

<sup>11</sup> Músico.

<sup>12</sup> Instrumento musical indiano.

perguntava para o Marcos ou para o meu pai também que ele é uma pessoa bastante entendida, gosta muito de pesquisar e foi indo, foi indo, foi indo... Com a Christina Schafer fiz algum outro curso também de cigano em outros momentos, isso já faz muito tempo, até já tinha esquecido disso e foram essas duas senhoras, senhoras com maiúscula, que me iniciaram, me deram as primeiras sementinhas da dança e isso foi indo, levei um pouco desse lado livre da dança cigana para o Uruguai também. No Uruguai tem a Mirel Sosa Altamiranda, outra pessoa que também temos uma caminhada juntas e continuei aperfeiçoando a técnica da dança do ventre porque a dança do ventre e a dança cigana, no meu ponto de vista, elas caminham juntas de mãos dadas, muitas vezes abraçadas e muitas vezes mais do que abraçadas e aí continuei, continuei paralelamente continuei trabalhando, trabalhei um bom tempo. Já uns quantos anos atrás dançava num restaurante chamado Zahara lá em Florianópolis, um restaurante muito bonito, e foram sempre caminhando as duas juntas e quando aparecia um tipo de trabalho de dança cigana era eu que comandava aquilo e foi indo, fui estudando, fui pesquisando, lendo alguns livros e pesquisando os folclores. E este ano, 2013, eu tive a sorte de realizar um grande sonho que era ir para a Península Ibérica, para a Espanha, ir para a festa da Santa Sara Kali na Camargue em Saintes Maries de La Mer na França, é uma festa fantástica, onde você vê a fusão, onde você vê como alguns ritmos se misturam, em que momento se misturam, e toda essa magia, da musica cigana que é muito complexa, que é tão rica, você consegue ver o pessoal que vem da Romênia com aquela coisa erudita de certa forma clássica, você vê o canto *jondo* do flamenco, você sente a alegria e a loucura dos sopros dos Bálcãs, você escuta um clarinete perdido de algum turco que está lá sozinho e se juntou com o resto da turma e tudo isso na base das violas Manouche que é essa parte do cigano Francês que tem toda aquela coisa fantástica influenciada pelo Django Reinhardt e todo aquele jeito diferente de tocar a viola que influenciou o Jazz e de certa forma também influenciou o Charleston. Nesse momento eu ministro cursos, workshops, chamo o meu trabalho de “Dança–Viva–Viva–Dança” e eu trabalho com a dança cigana a nível terapêutico, eu acho que neste momento a dança cigana traz um arquétipo que é o desafio e a força, é a sexualidade no bom sentido e ajuda mulheres contemporâneas, como nós, a enfrentar os desafios do cotidiano da vida com força, com alegria de viver. Então às vezes cai nas tuas mãos uma aluna que esta saindo traumatizada de uma separação ou de algum tipo de choque ou até de um trauma de ter sofrido uma acidente e essa pessoa vem debilitada nas tuas mãos e com o passar dos meses ou com o passar dos anos ou com o passar dos dias ou

o passar das horas como às vezes acontece, essa mulher ressuscita como uma ave fênix e se restaura emocionalmente, se restaura fisicamente com o passar dos meses e você viu que aquela sementinha que você deu para aquela pessoa vira uma grande flor, uma grande árvore e dá frutos e continua em diante. E muitas vezes você também lida com os preconceitos, por não ser cigano, você igual sofre os preconceitos da música e daquela cultura toda que tem sido tão perseguida e que tem passado pelo holocausto, por guerras e por perseguição e ainda continua sendo perseguida em algumas partes da Europa. Então, eu acho que o artista hoje em dia tem o compromisso de fazer um mundo melhor e através da nossa arte muitas vezes conseguimos isso e se você consegue que de uma turma de dez pessoas uma se sinta melhor já é um triunfo. É um desafio porque a dança não é valorizada, não conseguem ver a importância que ela tem, muitas vezes acontece de você estar esperando uma colega, uma aluna para fazer aula e você vê que ela não consegue chegar e quando você vai ver fica sabendo que a moça não pode vir porque não tinha com quem deixar as crianças porque às vezes a família não apoia, porque “ah! Ela vai fazer dança, ela não está indo estudar! Ela está indo fazer dança!” E quando as pessoas valorizam mais a arte se dão conta da importância da dança que muitas vezes você pode desintegrar ou desfazer um trauma ou uma contratura muscular porque você brincou, dançou e trabalhou os braços... Na musculatura ou musculatura do triângulo de pescoço, um exemplo, ou travas no quadril muitas vezes travas que tiveram por problemas sexuais também se destravam com uma dança cigana ou uma dança do ventre. Eu acho que seria muito bom, muito bom mesmo [ênfase], que se valorizasse mais a dança como caminho de autoconhecimento, como caminho para alegria, como caminho para acabar com o *stress*, com a tristeza, com muitas coisas também e tem o fato de que quando você está dançando, você usa todo o corpo, tem que tomar decisões muito rápidas, especialmente quando é uma turma muito grande e você está dançando entre várias pessoas e isso faz muito bem para pessoa, muito bem seja homem, seja mulher, seja criança, seja idoso, então eu acho assim que a dança tem que ser muito mais valorizada, respeitada, remunerada em todos os aspectos.

J.L. – E como é que tu vê a dança cigana no Brasil, assim, de modo geral dos grupos das professoras?



V.D. – Bom! Tem de tudo na horta do Senhor, até piolho na tomateira. Eu fico feliz, eu acho que aqui no sul do Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul tem um nível de dança nota onze quando o máximo é dez. Nesse momento e agora voltou de novo para Florianópolis, mas tem a Sayonara Linhares, que ela tem um trabalho fantástico tem a Juliana Lorenzoni, que é a pessoa que está me entrevistando, que também tem um trabalho muito bom, tem a Gina Vitola também com um trabalho muito bom, tem a Caroline Klipel, tem várias meninas boas que eu acho que tem um trabalho muito serio. Florianópolis também tem algumas pessoas tem a Sílvia Bragagnolo que tem um trabalho muito interessante, tem o Lourenço Ferraz que ele veste a bandeira com muita força, em São Paulo tem a Samira Samia, que a Samira é uma senhora que já está com setenta, setenta e uns anos e agora nesse momento ela esta dançando por uma questão de problema de saúde, mas quando a Samira entra para dançar não sobra para ninguém, porque ela é mágica, tem pessoas também no nordeste, tem uma turma bem forte no Rio de Janeiro e a dança cigana aqui no Brasil é uma dança muito alegre como o povo brasileiro. É uma dança onde os figurinos são muito mais coloridos, por exemplo, do que na Europa. Aqui o Brasil, pela questão do carnaval, adora uns brilhos, paetês, lantejoulas, pedras coloridas e eu acho assim que tem que abrir mais espaço pela mesma questão, um exemplo assim, as senhoras da terceira idade gostam muito da dança cigana, elas se identificam muito com aquela coisa de botar as saias compridas, se maquiar, se arrumar, então, eu acho assim que se a cultura, o estado, o governo facilitasse mais a dança cigana seria ótimo para todos nós e eu acho assim que é uma coisa que vamos escutar falar muito mais a dança cigana.

J.L. – Então ok! Eu não sei se tu queres falar mais alguma coisa ou era isso?

V.D. – Não. Eu me sinto lisonjeada por estar aqui fazendo uma entrevista para a Universidade e já tive a oportunidade de trabalhar com a galera da Universidade de Florianópolis da Federal<sup>13</sup> e bom é uma cultura milenar, é muito grande, muito complexa também, então, quem entra e mergulha na dança cigana tem muita coisa para estudar, tem que escutar muita música, escutar ela de frente para trás e de trás para frente, e bom é isso, é uma alegria muito grande, uma forma de expressar as emoções muito fácil. Eu agradeço!

---

<sup>13</sup> Universidade Federal de Santa Catarina.

J.L. – Eu também agradeço em nome do Centro de Memória e em meu nome de poder estar te entrevistando, então, era isso obrigada!

V.D. – Eu agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]